



REVENGE
BY FIVE

UMA GAIOLA DE OURO

Camilla Läckberg

UMA GAIOLA DE OURO

Tradução de
ELIN BAGINHA



Para Christina

PRIMEIRA PARTE

— Não poderá estar apenas ferida? — perguntou Faye.

Baixou os olhos para a mesa, não conseguia enfrentar os seus olhares.

Alguns segundos de hesitação, seguidos de uma voz pesarosa.

— Há mesmo muito sangue. De um corpo tão pequeno. Contudo, não quero especular antes de um médico legista poder fazer uma avaliação.

Faye assentiu com a cabeça. Deram-lhe água num copo de plástico transparente, Faye levou-o à boca, mas tremia tão violentamente que algumas gotas lhe escorreram ao longo do queixo até à blusa. A agente da polícia loira, com uns amáveis olhos azuis, inclinou-se para a frente e deu-lhe um lenço de papel, para se poder limpar.

Faye secou-se lentamente. A água iria deixar manchas feias na blusa de seda. Não que isso tivesse alguma importância agora.

— Não há dúvida nenhuma? Absolutamente nenhuma?

A polícia olhou de relance para o colega, antes de abanar a cabeça em negação. Ponderou as palavras cuidadosamente.

— Como lhe disse há pouco, um médico terá de fazer uma avaliação com base nas descobertas feitas no local do crime. Mas, neste momento, tudo aponta para a mesma coisa: o seu ex-marido, Jack, matou a vossa filha.

Faye fechou os olhos e reprimiu um soluço.

Julienne dormia, finalmente. O seu cabelo estava espalhado pela almofada cor-de-rosa. A respiração estava calma. Faye acariciou-lhe o rosto cuidadosamente, para não a acordar.

Jack iria regressar da viagem de trabalho a Londres naquela noite. Ou seria Hamburgo? Faye não se recordava. O marido estaria cansado e stressado quando chegasse a casa, mas Faye faria os possíveis para que ele pudesse relaxar adequadamente.

Fechou a porta do quarto lentamente para não acordar Julienne, saiu para o corredor e verificou se a porta da rua estava trancada. Na cozinha, passou com a mão pela bancada. Mármore branco, com três metros de comprimento. Carrara, obviamente. Infelizmente, era tão pouco prático que chegava a ser atroz a forma como o mármore poroso absorvia tudo como uma esponja, até já começara a ficar com manchas feias. Todavia, Jack nem pusera a hipótese de escolher algo mais prático. A cozinha do apartamento na rua Narvavägen custara quase um milhão de coroas, e não se tinham poupado a nenhuma despesa.

Faye estendeu o braço para uma garrafa de *Amarone* e colocou um copo de vinho em cima da bancada. Copos de vinho a pousar em lajes de mármore, o gorgolejar de vinho a sair de garrafas — era esse o resumo das noites de Faye em casa, quando

Jack estava fora. Serviu o vinho cuidadosamente, de maneira a não ficar com ainda mais manchas de tinto na superfície de mármore branco, e fechou os olhos ao levantar o copo até aos lábios.

Reduziu a intensidade da luz com o *dimmer* e saiu para o corredor, onde os retratos a preto e branco dela própria, de Jack e de Julianne estavam pendurados. Tirados por Kate Gabor, a fotógrafa não oficial da princesa real, que todos os anos tirava novas fotografias cativantes das crianças reais a brincarem com as folhas de Outono, em roupas imaculadamente brancas. Faye e Jack tinham optado por tirar retratos de Verão. Relaxadamente divertidos, à beira-mar. Julianne, no meio dos dois, com os cabelos louros a flutuarem ao vento. Roupas brancas, evidentemente. Ela própria com um vestido de algodão simples *Armani*, Jack em camisa e calças arregaçadas *Hugo Boss*, Julianne com um vestido de renda da mais recente colecção infantil de *Stella McCartney*. Tinham acabado de discutir, antes de tirarem as fotografias. Faye não se recordava do motivo da discussão, sabia apenas que a culpa fora dela. Porém, nada relativo à discórdia anterior era visível nos retratos.

Faye subiu as escadas. Hesitou à porta do escritório de Jack, mas acabou por abri-la. A divisão ficava numa torre, com vista para todas as direcções. Uma planta única, num imóvel único, como o agente imobiliário lhes dissera, quando lhes mostrara o apartamento, havia cinco anos. Na altura, ainda tinha Julianne na barriga e a cabeça cheia de esperanças brilhantes para o futuro.

Faye adorava o quarto da torre. O espaço e a luz que as janelas deixavam entrar davam-lhe a sensação de estar a voar. E, agora que a escuridão estava compacta, lá fora, as paredes abobadadas rodeavam-na como um casulo quente.

Faye decorara o quarto sozinha, tal como o resto do apartamento. Escolhera o papel de parede, as estantes, a secretária, as fotografias e a arte para pendurar nas paredes. E Jack adorava

o resultado. Nunca questionava o gosto de Faye e, além disso, ficava sempre extremamente orgulhoso quando os convidados pediam o contacto do decorador que tinham utilizado.

Nesses instantes, Jack deixava Faye brilhar.

Enquanto todas as outras divisões tinham uma decoração moderna, luminosa e arejada, o escritório de Jack era mais masculino. Mais pesado. Faye dedicara mais tempo e esforço a esta divisão, do que ao quarto de bebé de Julienne e ao resto do apartamento em conjunto. Jack iria passar muito tempo ali e tomar muitas decisões importantes que influenciariam o futuro da sua família. O mínimo que ela podia fazer era proporcionar-lhe um santuário, ali em cima, quase a aflorar as nuvens.

Faye acariciou ligeiramente a secretária rústica de Jack, que ela própria comprara num leilão da Bukowski e que, em tempos, pertencera a Ingmar Bergman. Jack não era um grande conhecedor de Bergman, preferia filmes de acção com Jackie Chan ou comédias com Ben Stiller, mas, tal como Faye, gostava quando os móveis tinham uma história.

Quando faziam uma visita guiada aos convidados, pelo apartamento, Jack batia sempre com a palma da mão duas vezes no tampo da mesa e contava, como que por acaso, que o belo móvel, em tempos, fizera parte do lar do cineasta mundialmente famoso. Sempre que fazia aquilo, Faye sorria, pois, ao mesmo tempo que Jack pronunciava aquelas palavras, os seus olhares costumavam encontrar-se. Era mais uma das incontáveis coisas que haviam partilhado, e ainda partilhavam, nas suas vidas. Aqueles olhares familiares, os pequenos momentos irrelevantes e relevantes que construía uma relação.

Faye afundou-se na cadeira atrás do computador, rodou-a meia-volta e ficou de frente para a janela. A neve caía lá fora e transformava-se em lama na rua, lá bem no fundo. Quando se inclinou para a frente para olhar para baixo, conseguiu ver um carro arrastar-se pela noite escura de Fevereiro. Na rua

Banérgatan, o condutor virou o volante e desapareceu na direção do centro da cidade. Por momentos, esqueceu-se do que fora ali fazer, do motivo pelo qual estava sentada no escritório de Jack. Era demasiado fácil desaparecer na escuridão e deixar-se hipnotizar pelos flocos de neve, que caíam lentamente e perfuravam a negrura.

Faye piscou os olhos, endireitou as costas e virou a cadeira para ficar novamente de frente para o grande monitor da Apple, mexeu no rato, e o ecrã despertou. Perguntou-se o que Jack teria feito com o tapete do rato que ela lhe oferecera pelo Natal, aquele com uma fotografia sua e de Julienne.

Em vez desse, tinha um feio, azul, do banco Nordea. O presente de Natal desse ano para os clientes de *private banking*.

Sabia a sua palavra-passe. *Julienne2010*. Pelo menos não tinha o Nordea como protector de ecrã, mantinha a fotografia que lhe tirara, a ela e a Julienne, em Marbella. Estavam deitadas à beira-mar, Faye levantava a filha com os braços esticados, na direção do céu. Estavam ambas a rir, mas o riso de Faye sentia-se mais do que se via, ali, deitada de costas, com os cabelos a flutuarem à sua volta, na água. Os olhos azuis brilhantes de Julienne olhavam directamente para a câmara, quase atravessavam a lente. Para os olhos igualmente azuis de Jack.

Faye inclinou-se um pouco mais, deixou o olhar percorrer o seu corpo bronzeado e brilhante com a água salgada do mar. Apesar de, na altura, só se terem passado alguns meses desde o parto, estava em melhor forma do que agora. A barriga estava lisa, os braços finos. As coxas magras e firmes. Agora, mais de três anos mais tarde, pesava pelo menos mais dez quilos do que em Espanha. Talvez quinze. Há muito tempo que não tinha coragem de se pesar.

Desviou o olhar do seu próprio corpo no ecrã e abriu o explorador da Internet, acedeu ao histórico de pesquisas e escreveu *porn*. Ligação atrás de ligação reveladas, apresentadas

por data. Faye pôde seguir facilmente as fantasias sexuais de Jack nos últimos meses. Como uma enciclopédia sobre a sua tesão. Uma espécie de «fantasias sexuais para totós».

No dia 26 de Outubro, Jack acedera a dois vídeos. *Russian teen gets slammed by big cock* e *Skinny teen brutally hammered*. Dissesse-se o que se quisesse sobre a indústria pornográfica, pelo menos os títulos dos filmes eram esclarecedores. Nada de rodeios. Nenhuma tentativa de embelezar, disfarçar ou mentir sobre o que iria ser disponibilizado ou sobre o que a pessoa em frente ao monitor realmente queria ver. Um diálogo directo, comunicação aberta e sincera.

Jack via pornografia desde que ela o conhecia, e ela própria também via, às vezes, quando estava sozinha. Faye desprezava as amigas que afirmavam que jamais passaria pela cabeça dos seus maridos verem filmes pornográficos. Que bloqueio mental tão óbvio.

Anteriormente, Jack nunca deixara o consumo de pornografia afectar a vida sexual dos dois enquanto casal. Nunca fora uma situação de «ou uma coisa ou outra». Porém, agora já não procurava Faye, apesar de continuar a procurar satisfação em *Skinny teen brutally hammered*.

O nó na barriga de Faye ficava cada vez mais apertado, a cada vídeo que via. As raparigas eram jovens, magras e submissas. Jack sempre gostara das mulheres jovens e magras. Não fora ele quem mudara, fora ela. E não seria assim que a maior parte dos homens queria as mulheres? Na zona de Östermalm não havia espaço para envelhecimento e aumentos de peso. Pelo menos, não para as mulheres.

No último mês, Jack vira o mesmo vídeo sete ou oito vezes. *Young petite schoolgirl brutally fucked by her teacher*. Faye carregou no play. Uma jovem rapariga, com uma minissaia de xadrez, camisa branca, gravata, meias e tranças à Pipi das meias altas, tem problemas na escola. As maiores dificuldades surgem quando

vai estudar Biologia. Os pais, preocupados e responsáveis, organizam explicações e deixam a filha sozinha em casa. Alguém toca à campainha. Um homem, à volta dos quarenta anos, vestido com um *blazer* remendado nos cotovelos e uma pasta debaixo do braço, está à porta. Vão os dois para uma cozinha luminosa. A rapariga vai buscar os livros da escola e abre-os em cima de uma mesa. Fazem uma revisão aos músculos do corpo.

— *Quando eu disser o nome de um músculo, tu mostras no teu próprio corpo onde ele está. Achas que consegues?* — pergunta o professor, com a voz grave.

A rapariga arregala os olhos, assente com a cabeça e faz beicinho. Consegue apontar dois músculos. Quando ele diz *gluteus maximus*, o músculo principal das nádegas, ela levanta ligeiramente a saia, de maneira que a borda das cuecas fique visível na imagem, e aponta para a parte exterior da virilha. O professor abana a cabeça com um sorriso.

— *Levanta-te para eu te mostrar* — diz-lhe.

A rapariga afasta a cadeira e levanta-se. O professor, com a sua grande mão, percorre-lhe a perna desde a dobra do joelho, subindo, por baixo da saia. Levanta-lhe a saia ainda mais e empurra as cuecas para o lado. Insere um dedo. A rapariga geme. Um supergemido perfeitamente pornográfico. Mas ainda com uma sugestão de inocência assustada e um certo sentimento de culpa. Uma admissão face ao espectador de que sabe que não devia. Que é proibido. Mas que não consegue evitar. Que a tentação é demasiado grande para conseguir resistir.

O professor penetra-a com o dedo algumas vezes. Debruça-a de seguida sobre a mesa e fode-a. Ela grita, geme, arranha a mesa. Pede mais. A cena termina com o professor a pedir para a rapariga voltar a pôr os óculos, que tinham caído durante o espectáculo, antes de se vir na sua cara. Com a cara distorcida pelo prazer e com a boca entreaberta, a estudante recebe o esperma.

Em mais lado nenhum para além dos filmes pornográficos transparece com tanta clareza o elevado grau de importância que os homens atribuem ao seu próprio esperma. É como um bem valioso, distribuído a mulheres langorosas e devotas, de boca entreaberta, sempre de boca entreaberta, como se fosse uma dádiva.

Faye desligou o computador com alguns cliques no rato contra o tapete feio do banco Nordea. Se era aquilo que Jack queria, era aquilo que iria ter.

Empurrou a cadeira para trás, que rangeu relutantemente, e levantou-se. Já era noite cerrada lá fora. A ligeira precipitação de neve cessara. Faye pegou no copo de vinho e saiu do escritório.

O seu *closet* tinha tudo o que era necessário. Faye olhou para o relógio, eram nove e meia. O avião de Jack estava prestes a aterrar, daí a pouco ele estaria sentado num táxi. Evidentemente, Jack tinha acesso ao serviço VIP do aeroporto, por isso não levaria muito tempo até sair de lá.

Tomou um duche rápido e depilou os poucos pêlos púbicos que tinham crescido. Lavou todo o corpo e maquilhou-se, não da forma habitual, mas mais desleixada, mais juvenil. Esborratou as bochechas com *blush*, exagerou no rímel e, em jeito de cereja no topo do bolo, pintou os lábios com um batom cor-de-rosa-brilhante, que encontrou no fundo da gaveta de maquilhagem e que provavelmente teria recebido como brinde em algum evento.

Jack não iria tê-la a ela — não a Faye, sua esposa, mãe da sua filha —, mas alguém mais jovem e inocente, alguém intocado. Era disso que ele precisava.

Escolheu uma das gravatas cinzentas mais finas de Jack e atou-a com um nó descuidado. Pôs uns óculos de leitura que ele tinha vergonha de usar à frente de outras pessoas e que escondia numa gaveta, quando recebiam visitas. Rectangulares, pretos, *Dolce & Gabanna*. Faye observou o resultado ao espelho. Parecia dez anos mais nova. Quase como fora, quando deixara Fjällbacka.

Não era esposa de ninguém. Não era mãe de ninguém. Estava perfeita.

Faye entrou sorrateiramente no quarto de Julienne, para ir buscar um dos seus cadernos e uma caneta com penas cor-de-rosa na ponta. Deteve-se ao ouvir Julienne murmurar no sono. Estaria a acordar? Não. Passados alguns segundos, ouviu-a respirar calmamente outra vez.

Foi até à cozinha para voltar a encher o copo de vinho, mas deteve-se e abriu uma gaveta com os copos de plástico de Julienne. Serviu o vinho tinto num grande copo da *Hello Kitty*, com tampa e palhinha de plástico incluída. Perfeito.

Quando a chave rodou no trinco da porta da rua, Faye estava sentada a folhear a revista *The Economist*, que Jack insistia em ter à vista. Ela era a única na família que realmente lia a publicação.

Jack pousou a mala de viagem no chão, descalçou os sapatos e enfiou as armações de madeira de cedro que eram necessárias para que os seus sapatos italianos de couro macio, cosidos à mão, mantivessem a sua forma perfeita. Faye manteve-se quieta. Ao contrário do seu habitual e discreto brilho labial da *Lancôme*, este batom cor-de-rosa colava-se aos lábios e tinha um cheiro ligeiramente sintético.

Jack abriu a porta do frigorífico cuidadosamente. Continuava sem a ter visto. Movia-se em silêncio, provavelmente convencido de que tanto ela como Julienne estariam a dormir.

Faye observou-o a partir do seu lugar na escuridão da sala de estar. Como um estranho a olhar através de uma janela, podia estudar o marido, sem ele saber que estava a ser observado. Noutros casos, Jack estava sempre tenso. Agora, quando pensava que ninguém o via, movia-se de maneira diferente. Relaxadamente, quase de forma descuidada. O corpo, normalmente tão altivo, estava ligeiramente descaído, não muito, mas o suficiente para que Faye, que o conhecia tão bem, conseguisse perceber